



## A Ética Biofílica

### Como Fundamento de uma Educação para Valores

Antonio Carlos Gomes da Costa

*Dedico este texto a Viviane Senna, porque ela se parece com a sua pessoa, o seu trabalho e a sua luta pela causa a que consagrou sua vida: o desenvolvimento do potencial das novas gerações.*

#### A ÉTICA BIOFÍLICA

Anton Makarenko, o grande educador soviético, afirmou certa vez que, freqüentemente, “**o erro não está nos homens, mas nas relações entre eles**”. Essa percepção nos parece válida para os diversos âmbitos do convívio humano: (i) as **relações interpessoais** na família, na escola, no trabalho e em outros pontos do espaço social; (ii) as **relações sociais** entre os diversos segmentos da coletividade; (iii) as relações entre regiões dentro de um mesmo país e, finalmente, as relações entre países e blocos de países no plano global.

A grande crise do mundo de hoje é, sem dúvida alguma, uma crise relacional. Além das relações dos homens entre si nesses diversos âmbitos, esta crise se estende também para as relações dos seres humanos com seu meio-ambiente, com a natureza, com o Planeta Terra. Se estas relações não forem ampla e profundamente revisitadas e corajosamente revistas, a aventura humana sobre a face da Terra poderá, num dado momento, inviabilizar-se.

Para muitos, o primeiro passo para que todas essas relações possam ser revistas com a amplitude e profundidade requeridas pela gravidade da situação é que as pessoas comecem mudando suas relações consigo mesmas. Sem essa mudança, as demais resultarão inviáveis ou ineficazes. Para que essa transformação ocorra, porém, será necessário instaurar um **processo de resignificação** de todo esse conjunto de relações.

Resignificar é conferir a algo um outro significado, é significar de novo. Significar alguma coisa é assumir diante dela uma atitude de não-indiferença. Quando assumimos uma atitude de não-indiferença diante de alguma coisa, estamos imprimindo-lhe um sinal, que pode ser positivo ou negativo. Quando esse sinal (signo) é positivo, aquilo se constitui para nós num valor. Quando o sinal impresso na coisa for negativo, ela se constitui para nós num contravalor.

Esse **processo de resignificação** das relações do homem consigo mesmo, com os outros homens (relações interpessoais e sociais), com a natureza, o ambiente em que vive e com as fontes provedoras de sentido para sua existência deve ser um processo educativo. Este processo educativo deve levar o ser humano à adoção de uma nova **atitude básica diante da vida**. Não se trata, portanto, de mudar este ou aquele aspecto da vida isoladamente. Trata-se de mudar a postura fundamental de cada um diante de si mesmo, dos outros, da natureza e daquilo que provê significado e sentido para sua existência.

A educação necessária para empreender esta transformação, ou seja, esse amplo processo de resignificação dos relacionamentos básicos do ser humano deverá ser um processo educativo capaz de mudar as maneiras de decidir e agir. Para suscitar as mudanças nos processos de decisão e ação das pessoas, será necessário proceder a uma ampla, profunda e autêntica **educação para valores**.

Os valores são a expressão daquilo que se reveste de significado para nós. Segundo Max Scheller, "as coisas existem, os valores valem". E quando os valores valem? Os valores valem nos momentos em que somos chamados a decidir e agir.

Educar para valores é criar espaços, condições e dinamismos (acontecimentos) que levem os educandos a viverem, identificarem e incorporarem valores positivos. Não se trata, pois, apenas de transmitir conhecimentos. Trata-se, antes, de, através de práticas e vivências, propiciar a todos os envolvidos no processo educativo (educadores e educandos) a experiência, pela passagem por acontecimentos verdadeiramente estruturantes, de novas maneiras de ver, sentir, entender e agir.

Se as relações do ser humano, nos quatro planos assinalados, estão erradas, são relações cada vez mais enfermas, mais patológicas, cabe-nos indagar pela fenomenologia (sintomatologia, no caso) dessa enfermidade de base, dessa crise de valores:

1. Vazio de sentido da existência, levando as pessoas a uma insatisfação preenchida pelo consumismo, as evasões de cultura de massa, as drogas e a violência;
2. Sentimento profundo de impotência pessoal e cívica, sensação de que pouco se pode mudar na própria vida e na vida da sociedade;
3. Crescimento da desconfiança das pessoas umas nas outras e nas instituições;
4. Anomia social crescente, gerando medo e insegurança em coletividades inteiras;
5. Prevalência em todos os âmbitos do relacionamento – das relações entre pessoas às relações entre países e blocos de países – das leis do mais forte e do mais esperto;
6. Acirramento das desigualdades intoleráveis entre pessoas, classes, regiões e países;
7. Destruição sistemática das redes de relações naturais que sustentam a vida pela deterioração generalizada dos ecossistemas;
8. Cinismo explícito nas relações internacionais, expresso em atos como a quase total ausência dos países do G-8 na recente Conferência da FAO contra a fome;
9. Agressões de potências militares a países paupérrimos em nome do combate ao terrorismo, fruto do desespero dos mais pobres e desempoderados;
10. Proliferação generalizada do crime organizado em todas as suas modalidades;
11. Desestabilização das economias mais frágeis e vulneráveis pela especulação financeira internacional;
12. **Perda do sentido e do valor da dignidade e da sacralidade da pessoa humana.**

Esse elenco de dados fenomenológicos é a manifestação de uma crise ôntica. A explicação ontológica de todos esses **dinamismos destruidores da vida** deve ser buscada no instinto aquisitivo de riqueza e poder colocado acima de qualquer outro bem (valor) ou interesse.

A ciência e a técnica que, desde o Renascimento, vêm transformando as relações dos homens entre si, com a natureza e com as fontes de sentido de sua existência, não surgiram e evoluíram como exercício gratuito e desinteressado da racionalidade. Desde o

seu nascimento, elas se viram crescentemente instrumentalizadas pelas exigências dos processos de avanço da produção, do comércio e do poderio político e militar. O motor do saber é o poder econômico, social, político e militar.

A razão analítico-instrumental descredenciou outras formas de acesso à realidade pelo homem, passando a considerá-las manifestações de atraso e irracionalidade. Os processos orientados pelo **Logos** (razão) passaram como um trator sobre os processos orientados pelo **Pathos** (sentimento). As razões econômicas e as razões de Estado prevaleceram sobre tudo e sobre todos nos últimos séculos.

A **simpatia** (colocar-se junto do outro, ao seu lado, solidarizar-se) e a **empatia** (colocar-se no lugar mesmo do outro) foram sistematicamente ignoradas nos planos das relações econômicas e das relações políticas. A razão, a ciência e a técnica da modernidade iluminista ainda não cumpriram suas promessas de instaurar um mundo de liberdade, igualdade e fraternidade na maior parte do planeta e isto, certamente, relativiza os avanços obtidos nos últimos séculos, que não são poucos e nem pequenos:

1. A expectativa de vida tem crescido de modo sistemático;
2. A produtividade da agricultura e da produção de alimentos em geral deram saltos extraordinários;
3. As sucessivas revoluções tecnológicas aumentaram e facilitaram a produção de bens e serviços em escala nunca vista;
4. Os meios de comunicação e transporte vão vencendo sistematicamente o tempo e a distância;
5. A democracia (estado democrático de direito) vai se afirmando cada vez mais como um valor universal;
6. A produção de conhecimentos se multiplica em períodos cada vez mais curtos;
7. Os Direitos Humanos tendem a se sobrepor às ideologias de direita e de esquerda como **projeto de humanidade**;
8. A educação vai se afirmando como o coração de todas as políticas verdadeiramente sérias de desenvolvimento humano;
9. A tolerância e a diversidade tendem a ganhar espaços cada vez mais amplos nas relações familiares, no mundo do trabalho e na vida social mais ampla;
10. Surge um movimento de responsabilidade social no mundo empresarial disposto a provar que o capitalismo dispõe de **recursos internos** para superar a pobreza, a ignorância e a brutalidade geradas na esteira de sua extraordinária e descomunal evolução nos últimos séculos.

Todo ponto de vista é a vista de um ponto. Como educador, preocupado com a questão dos valores, vejo neste quadro a co-existência no convívio humano de dois grandes dinamismos. Um dinamismo orientado pela hegemonia da razão analítico-instrumental (**Logos**) colocada a serviço dos processos de acúmulo de riqueza e de poder a qualquer preço por parte dos indivíduos, das empresas e dos governos. E um outro dinamismo orientado pela hegemonia do **Pathos** (sentimento) colocado a serviço de um **projeto de humanidade**, que se apóia em duas grandes colunas:

1. A **Declaração Universal dos Direitos Humanos** e todos os instrumentos e tratados constelados em seu entorno;
2. A **Agenda 21** e todos os desdobramentos normativos e políticos decorrentes da sua adoção.

O primeiro dinamismo, aquele orientado pelo **Logos** (razão analítico-instrumental a serviço do poder) já está mais do que **(des)moralizado** pela experiência histórica, mas consegue se manter hegemônico pelo uso indiscriminado da mentira e da força bruta nos planos político e militar. O segundo dinamismo, aquele orientado pela hegemonia do **Pathos** (valores de justiça, solidariedade, paz e respeito às redes de relações naturais que sustentam a vida) não possui ainda força suficiente para afirmar-se como novo **Ethos** cultural da família humana.

Como a prevalência do primeiro desses dinamismos (**hegemonia do Logos instrumentalizado pelo poder**) tem custado a morte a cada dia de 35 mil crianças de 0 a 5 anos, por fome (desnutrição) e doenças facilmente evitáveis com saneamento, vacina e cuidados básicos (mais de dez vezes o número de vítimas do World Trade Center) – para ficar apenas num único exemplo – entendo que não é nenhum exagero semântico considerá-lo um dinamismo de natureza basicamente **necrofílica**, ou seja, sustentador e promotor da pobreza, da ignorância e da brutalidade.

Como a prevalência do segundo dinamismo, onde lhe são dadas condições de florescer, representa sempre algum avanço em termos de democracia, justiça social e respeito ao meio-ambiente, entendo que não é, igualmente, nenhum exagero semântico considerá-lo um dinamismo de natureza basicamente **biofílica**. Trata-se, portanto, de um mecanismo cuja hegemonia representaria um duro golpe contra a pobreza, a ignorância e a brutalidade que hoje devasta grande parte da natureza e dos povos em grande parte da Terra.

A palavra prevalência não está usada aqui por acaso. Não se trata de abolir a razão analítico-instrumental (Logos). Isto seria um absurdo irracionalista. Trata-se, porém, de romper com a sua hegemonia e a sua subserviência cega ao poder econômico, político e militar.

Norberto Bobbio nos ensina: **“Tudo é política, mas a política não é tudo”**. Acima da política deve estar a ética, colocando regras (limites) na luta legítima dos homens pela conquista, manutenção e expansão do poder econômico, social e político no marco das regras do jogo democrático num estado de direito.

Hoje em dia é consenso a constatação de que a superação da miséria e da ignorância no mundo não é um problema nem de falta de recursos e nem de conhecimentos. A humanidade sabe o que e como fazer e dispõe de recursos para isso. O que falta é **compromisso ético e vontade política** para tomar as decisões e implementar as ações necessárias para a superação desse quadro.

Se isto é verdade, qual **ética** se reveste de um caráter necessário? A ética biofílica, com certeza, responde melhor a esta questão. Max Weber falou em **ética das convicções** (ética essencialista) e em **ética da responsabilidade** (ética contextualizada). E nós? Nós falamos em **ética da vida** e ética da morte. E, naturalmente, optamos pela vida.

**A ética biofílica é, antes de tudo, uma ética de respeito autêntico e profundo à dignidade da vida em todas as suas manifestações.** A vida que pulsa em nós mesmos. A vida que vibra em todos aqueles com quem nos relacionamos. A vida que imana do mundo natural. E a vida que se manifesta em tudo aquilo que confere significado e sentido às nossas escolhas. Esta ética é a ética biofílica. Ética do zelo, do cuidado, do acolhimento, do respeito, do amor à vida em todas as suas dimensões.

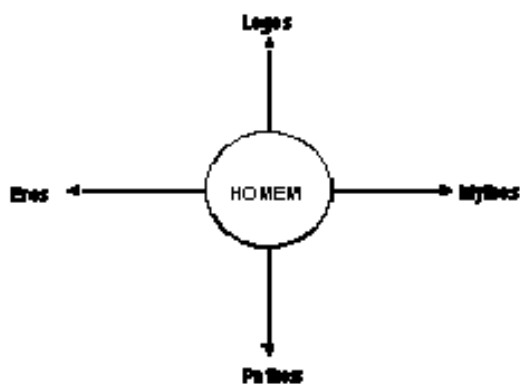
Ainda vivemos em um mundo onde tudo está articulado em função do acúmulo de riqueza e de poder por parte de uma minoria. Este acúmulo se fez com um custo social e ambiental desmedido. Grande parte da humanidade subsiste num mundo espesso, vazio, reduzido e, mais do que isso, desprovido de significado e de sentido. Num mundo sem esperança e sem futuro. Outra parte desta mesma humanidade realizou só para si os ideais de conforto e abundância, esquecendo-se dos demais. O confronto entre ambas está gerando sociedades onde os pobres morrem de fome e os ricos, de medo, enquanto o tecido social vai se esgarçando, ultrapassando em muitas delas o perigoso limite da ruptura.

Será que **Logos** (razão analítico-instrumental a serviço dos poderes econômico, político e militar) será capaz de fazer face a esse quadro somente com seus recursos internos? Tudo indica que não. Chegou a vez de as dimensões recalcadas do humano saírem ao sol e ousarem dizer o seu nome. Chegou a vez do **Pathos** (sentimento), do **Eros** (desejo) e do **Mythos** (crenças) se manifestarem e contrabalançarem a frigidez e a indiferença do **Logos** (saber a serviço do poder) ao ser e ao querer-ser profundo de uma humanidade imersa na vulcanicidade do gozo e do sofrimento, do desespero e da esperança.

A ética biofílica é uma ética de respeito, veneração e celebração, não só da **dignidade**, mas também, para aqueles que crêem (**dimensão do Mythos**), da **sacralidade da vida**. Dignidade da vida (dimensão laica), sacralidade da vida (dimensão fideísta) de um mesmo compromisso, onde a sacralidade é uma exacerbação da dignidade intrínseca da vida. Esta ética da vida, desta forma, abre espaço para que **Eros** (desejo), **Pathos** (sentimentos de empatia e simpatia) e **Mythos** (crenças) libertem o **Logos** do poder-dominação, colocando-o a serviço da vida (**Bios**), mantendo todos eles para com ela uma relação de respeito e veneração pela sua dignidade e pela sua sacralidade.

No quadro da ética necrofílica, hoje hegemônica, **Logos** está a serviço do poder-dominação. No quadro de uma lógica ética biofílica, **Logos** – contrabalançado por **Eros**, **Mythos** e **Pathos** – se coloca a serviço de **Bios** (vida), trocando definitivamente o poder-dominação pelo poder-serviço.

Creio que foi neste sentido profundo – e não em outro qualquer – que Sérgio Buarque de Holanda visualizou no brasileiro um **homem cordial**, ou seja, um homem no qual o **Logos** entraria em acordo com **Eros** e com **Pathos**, para que a vida pudesse se manifestar de forma plena em nossa convivialidade interpessoal e social. Não se trata, pois, de opor ao racionalismo o irracionalismo, mas de construir uma racionalidade integradora das diversas dimensões do humano em sua inteireza e em sua complexidade irredutível a qualquer esquematismo reducionista.

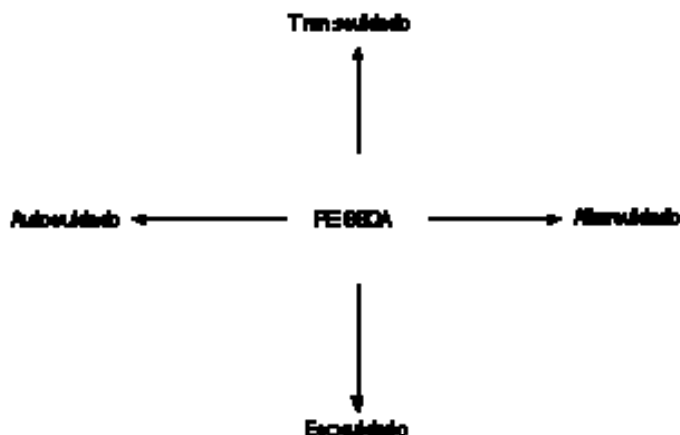


### AS DIMENSÕES DA PESSOA:

Portanto, quando falamos no ideal antropológico da ética biofílica, não falamos em indivíduo, falamos em pessoa. Pessoa como ser pluridimensional. A dimensão do **Logos** (o cognitivo, o racional, o conceitual), a dimensão do **Pathos** (a dimensão do sentimento, que **afeta** e é **afetado** pelo outro), a dimensão do **Eros** (do desejo, que acende, infla e nos expande em sua vulcanicidade) e a dimensão do **Mythos** (a dimensão da crença, da fé, na busca do que nos ultrapassa).

A integração (convergência e complementaridade) destas quatro dimensões a serviço da vida resulta no **CUIDADO** pela vida. Cuidado pela vida que cada um traz em si mesmo (autocuidado). Cuidado pela vida dos que conosco se relacionam nos planos interpessoal e social (altercuidado). Cuidado com o meio-ambiente (ecocuidado ou infracuidado). E, finalmente, o cuidado para com tudo aquilo que, no plano da religiosidade ou fora dele, é fonte de significado e de sentido para nossa existência (transcuidado). Esta é a visão de homem (ideal antropológico) da ética biofílica.

## PESSOA COMO SER DE RELAÇÕES ABERTO EM TODAS AS DIREÇÕES:



O cuidado, nesta perspectiva, é a atitude básica diante da vida, que concretiza e expressa a ética biofílica. Através do seu exercício, a pessoa integra as diversas dimensões do humano em sua radicalidade primal. O homem do mundo globalizado, do fim da Guerra Fria e da era pós-industrial se ressentido das fragmentações e dos reducionismos e anseia pela inteireza perdida em algum ponto de inflexão do nosso processo civilizatório. Além de resgatado, esse acordo entre as diversas dimensões co-constitutivas de seu ser precisa ser atualizado, para fazer face às exigências do nosso tempo e da nossa circunstância.

Relacionar é sentir e captar os valores que circulam nas relações interpessoais e sociais, nas relações com o ambiente e com as fontes humanas ou religiosas daquilo que nos leva a ser-mais, a transcender (ir além) dos enquadramentos que moldam e limitam nossa existência. A dimensão relacional é, pois, a dimensão do **Pathos**.

Quando esse relacionamento, porém, se deixa marcar pelo calor do entusiasmo, a luz clara da alegria, a busca sincera de união significativa com o outro, pela paixão de compartilhar e de compartilhar-se é o sinal de que **Eros**, enquanto força vitalizante e fecunda, está presente nos enlaces humanos, sejam eles de amor, de amizade, de trabalho ou de buscas comuns em qualquer campo da atividade humana.

Quando, além dos liames do afeto (**Pathos**) e do calor dos relacionamentos (**Eros**), visões comuns do homem, do mundo, do conhecimento e da ação humana permeiam o relacionamento, temos, então, a presença do **Logos**, liberto da subserviência ao poder-dominação e entregue à **alegria de servir**, ao poder-serviço.

É neste ponto que os limites da razão, do entendimento e da lógica são ultrapassados para ceder espaço à dimensão da fé, da crença, da entrega confiante de tudo que somos a um impulso vital na direção do que nos antecede e nos ultrapassa. É nestas ocasiões que o **Mythos** irrompe em nossa vida como um sopro (**pneuma**), que infla nosso ser e nos eleva a uma dimensão relacional de amplitude e profundidade ilimitadas.

Finalmente, a questão que se coloca é a da indagação sobre qual visão de mundo (**mundividência**) se mostra capaz de integrar os dois grandes eixos estruturadores da ética biofílica: a Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948) e a Agenda 21 (1992). Neste ponto, não há como escapar do conjunto de princípios ético-políticos propostos na obra de Amartya Sen, como fundamento filosófico (porquês e para quês) do Paradigma do Desenvolvimento Humano, que podemos resumir nos seguintes pontos:

1. **A vida é o mais básico e universal dos valores.**  
Respeitá-la acima de tudo é o caminho para a justiça, a solidariedade e a paz.
2. **Nenhuma vida humana vale mais do que a outra.**  
Todo ser humano tem direito ao acesso a certas condições básicas de bem-estar e de dignidade.

3. **Toda pessoa nasce com um potencial e tem o direito de desenvolvê-lo.**  
Toda condição impeditiva de que isto ocorra é, em si mesma, uma violência.
4. **Para desenvolver o seu potencial, as pessoas precisam de oportunidades.**  
As oportunidades educativas são aquelas que verdadeiramente desenvolvem o potencial humano. As demais criam condições para isto.
5. **O que uma pessoa se torna ao longo da vida depende de duas coisas: das oportunidades que teve e das escolhas que fez.**  
Nada adianta ter oportunidades e não saber fazer escolhas. Como, tampouco, adianta saber fazer escolhas e não ter oportunidades.
6. **Além de ter oportunidades, as pessoas precisam ser preparadas para fazer escolhas.**  
As escolhas são feitas com base nas crenças, valores, pontos de vista e interesses das pessoas.
7. **Cada geração deve legar para as gerações vindouras um meio-ambiente igual ou melhor do que aquele recebido das gerações anteriores.**  
Fazer isto é respeitar o direito à vida daqueles que ainda não nasceram.
8. **As pessoas, as organizações, as comunidades e as sociedades devem ser dotadas de poder para participar nas decisões que as afetem.**  
Só o poder participativo dos cidadãos poderá mudar os demais poderes: executivo, legislativo e judiciário.
9. **A promoção e a defesa dos DIREITOS HUMANOS é o caminho para a construção de uma vida digna para todos.**  
A Declaração Universal dos Direitos Humanos é um projeto de humanidade a ser construído por todos e cada um dos povos ao longo da história.
10. **O exercício consciente da cidadania é a melhor forma de fazer os DIREITOS HUMANOS transitarem da intenção à realidade.**  
Cidadania entendida como direito de ter direitos e dever de ter deveres.
11. **A política de desenvolvimento deve basear-se em quatro pilares: liberdades democráticas, transformação produtiva, equidade social e sustentabilidade ambiental.**  
Sem isto, como disse Tancredo Neves, "toda prosperidade será falsa".
12. **A ética necessária para pôr em prática o Paradigma do Desenvolvimento Humano é a ética da co-responsabilidade.**  
Co-responsabilidade entre as políticas públicas (primeiro setor), mundo empresarial (segundo setor) e organizações sociais sem fins lucrativos (terceiro setor).

Como se vê, a ética biofílica busca resgatar a vida como o mais amplo e fontal (de fonte) dos valores, traduzindo-se em profundo respeito pela sua dignidade, respeito esse que se manifesta por uma atitude de acolhimento, zelo, compassividade e cuidado por tudo que existe e precisa de nós para continuar a existir (**sobrevivência**), realizar o seu potencial (**desenvolvimento**) e manter a sua inteireza (**integridade**).

ANTONIO CARLOS GOMES DA COSTA  
LAGOA SANTA – ABRIL – 2005